



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colégio de Pedagogia
Vitória da Conquista

A INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E A SAÚDE MENTAL RETRATADA NAS PRODUÇÕES MIDIÁTICAS SUL COREANOS: Colaboram ou atrapalham na Educação Profissional?

ROBERTA PACHECO CAETANO BORGES¹

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA/UESB

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a inclusão de pessoas com deficiência (PCDs) no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), com ênfase na atuação dos Núcleos de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNEs) em Instituições Federais de Ensino, especialmente no contexto baiano. A discussão teórica é entrelaçada com a análise de produções midiáticas sul-coreanas contemporâneas, que abordam a deficiência e a saúde mental em contextos educacionais e profissionais, como nas séries *A Advogada Extraordinária*, *Tudo Bem Não Ser Normal* e *A Caminho do Céu*. A pesquisa adota uma abordagem quali-quantitativa, com base em levantamento bibliográfico e análise fílmica fundamentada em autores como Bourdieu (2011), Glat (2007), Mazzotta (2011) e Chung (2011). O estudo evidencia que, apesar dos avanços legais e institucionais, ainda existem desafios para a consolidação de uma prática educacional inclusiva e representativa. As produções midiáticas, ao mesmo tempo em que visibilizam sujeitos historicamente marginalizados, também reproduzem idealizações e contradições. A reflexão proposta visa contribuir para a compreensão crítica da inclusão na EPT e para a valorização do papel dos NAPNEs como agentes de transformação social.

Palavras-chave: Educação Profissional e Tecnológica. Inclusão. Produções midiáticas.

Introdução

A Educação Profissional e Tecnológica (EPT) tem se consolidado como uma das principais estratégias de democratização do ensino no Brasil, oferecendo formação cidadã, técnica e crítica a diversos públicos, inclusive àqueles com deficiência. A partir da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008) e da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Brasil, 2015), emergem estruturas institucionais como os Núcleos de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNEs); que atuam diretamente no acolhimento e promoção da equidade no ensino técnico e tecnológico federal.

Entretanto, apesar dos avanços legais e institucionais, a concretização da inclusão plena ainda encontra barreiras culturais, estruturais e atitudinais. Essa complexidade se amplia

¹ Especialista em Leitura e Produção Textual aplicadas à Educação de Jovens e Adultos pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IFBAIANO). Técnica em Atendimento Educacional Especializado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Itapetinga, Bahia, Brasil.
E-mail: robertacaetanoborges@hotmail.com



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colégio de Pedagogia
Vitória da Conquista

quando se observa que, na prática, a inclusão educacional nem sempre se traduz em inserção efetiva no mundo do trabalho, especialmente para sujeitos com deficiência intelectual, transtorno do espectro autista (TEA) ou sofrimento psíquico.

Partindo de uma abordagem teórica-dialética e fenomenológica, este artigo propõe uma análise integrada entre os fundamentos da educação inclusiva e as imagens midiáticas contemporâneas, visando compreender como se articulam identidade, trabalho, deficiência e educação. O corpus analítico se ancora em obras como Bourdieu (2011), Glat (2007), Mazzotta(2011) e Chung (2011), além de documentos institucionais e legislações vigentes.

Um Breve Contexto Histórico da Educação Profissional e Tecnológica

A Educação Profissional e Tecnológica no Brasil tem suas origens no início do século XX, quando foi criada, em 1909, a rede de Escolas de Aprendizes Artífices, com o intuito de formar mão de obra especializada para atender às demandas do mercado nacional (Brasil, 1909). Essa iniciativa marca o primeiro esforço sistemático do Estado brasileiro na organização da formação técnico-profissional. Com a Constituição de 1988, a educação passou a ser reconhecida como um direito de todos e um dever do Estado, incluindo em seu texto a valorização do trabalho como princípio educativo, o que fortaleceu a relevância da EPT como instrumento de emancipação social e econômica (Brasil, 1988)..

Segundo Ramos (2011), essa reconfiguração institucional também implicou em um novo papel político e social da EPT, na medida em que os Institutos Federais passaram a atuar não apenas como centros de formação técnica, mas também como espaços de inclusão social e desenvolvimento regional. Freitas (2005) destaca que a história da EPT no Brasil é marcada por avanços e retrocessos, refletindo as tensões entre as políticas públicas e os interesses econômicos. A lógica de formação voltada exclusivamente para o mercado de trabalho foi sendo substituída por propostas mais abrangentes, que consideram o sujeito em sua totalidade.

O Programa de Educação, Tecnologia e Profissionalização para Pessoas com Deficiência (TEC NEP)

O Programa de Educação, Tecnologia e Profissionalização para PESSOAS COM DEFICIÊNCIA (Tec NEP) foi criado pelo Ministério da Educação como uma estratégia de ação articulada entre a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI). Seu



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



objetivo é consolidar ações inclusivas nos Institutos Federais, garantindo o acesso, a permanência e o êxito das pessoas com deficiência na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). (Brasil, 2006). O programa, criado em 2007, foi responsável por institucionalizar os Núcleos de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNEs) nos Institutos da Rede Federal. Esses núcleos funcionam como agentes mobilizadores para a construção de uma política inclusiva. Como aponta Mori e Glat (2022):

“Os NAPNEs são espaços de escuta, acolhimento, produção e articulação de ações voltadas à inclusão no ambiente educacional. Eles atuam de forma transversal nas instituições, promovendo práticas pedagógicas acessíveis e estratégias que favoreçam o sucesso acadêmico e profissional dos alunos com necessidades específicas.”(Mori; Glat, 2022, p. 83)

Com o intuito de enfrentar as barreiras atitudinais e físicas nos ambientes escolares, o TEC NEP fomenta ações que dialogam com a formação de professores, a aquisição de tecnologias assistivas e a construção de ambientes acessíveis. Além disso, busca dar visibilidade à diversidade existente nos institutos, reconhecendo a singularidade dos sujeitos e suas potencialidades. A implementação dos NAPNEs a partir do TEC NEP impactou positivamente na estrutura interna das instituições. Em muitos casos, provocou mudanças nos currículos, promovendo uma formação profissional mais humanizada e sensível às diferenças. Conforme Cruz e Glat (2021) é preciso lembrar que:

“Não basta assegurar a matrícula de pessoas com deficiência nas instituições de ensino técnico, é preciso garantir que haja um processo de ensino-aprendizagem significativo, com recursos adequados, professores capacitados e ambientes que acolham a diversidade como princípio.” (Cruz; Glat, 2021, p. 57)

Para Mazzotta (2011), os núcleos cumprem uma função essencial na instituição: “Os NAPNEs funcionam como um catalisador de transformações institucionais, desestabilizando práticas excludentes e instaurando novos modos de pensar a educação técnica e profissional sob o viés da inclusão”(Mazzotta, 2011, p. 21). A inclusão, neste sentido, não é compreendida apenas como um direito legal, mas como um valor institucional. Segundo Januzzi (2006), o papel do educador e da instituição é fundamental para romper com práticas que historicamente marginalizaram sujeitos com deficiência:

“É preciso considerar que, para além das leis, a construção de uma sociedade inclusiva passa por mudanças de mentalidade e práticas educacionais comprometidas com o reconhecimento da diferença como algo constitutivo do humano.”(Januzzi, 2006, p. 88)



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colégio de Pedagogia
Vitória da Conquista

Por meio dos NAPNEs, o espaço escolar se transforma em um ambiente de troca e reconstrução de saberes. Há um esforço contínuo em estabelecer um currículo acessível e sensível às singularidades dos sujeitos. A formação docente, incentivada por esses núcleos, é uma das principais ferramentas para consolidar a inclusão. Ainda assim, persistem desafios significativos: a escassez de recursos, a sobrecarga de profissionais, a ausência de políticas de acompanhamento contínuo e a dificuldade de reconhecimento institucional são barreiras enfrentadas. No entanto, a existência e a resistência dos NAPNEs reforçam o compromisso da Educação Profissional e Tecnológica com a inclusão plena.

O Cinema e a Construção da Identidade dos Indivíduos

Aumont (1998) destaca que o cinema "não apenas reflete a realidade, mas a reconstrói segundo um discurso simbólico e estético que redefine o modo como vemos e compreendemos o outro" (Aumont, 1998, p. 35). Essa capacidade de reconfiguração simbólica torna o cinema uma ferramenta pedagógica e política potente, especialmente quando se trata da visibilidade de grupos historicamente invisibilizados.

Quando representações cinematográficas abordam personagens com deficiência de forma complexa e humanizada, rompem com a lógica da deficiência como ausência, tragédia ou heroísmo. Segundo Glat (2007): "A imagem da pessoa com deficiência precisa deixar de ser estereotipada para que se torne legítima e diversa, refletindo sua inserção concreta na sociedade e nas instituições" (Glat, 2007, p. 16). A construção da identidade está, portanto, atrelada ao reconhecimento social mediado por narrativas culturais. Em outras palavras, aquilo que é legitimado na tela reverbera na forma como indivíduos se percebem e são percebidos. Bellour (1995) analisa essa lógica ao afirmar que "o olhar cinematográfico organiza o olhar do espectador e determina um modo de ver que pode incluir ou excluir" (Bellour, 1995, p. 78).

No contexto educacional, especialmente na EPT, o cinema pode ser usado como recurso didático para promover a empatia, a reflexão crítica e a formação cidadã. Filmes e séries que abordam a deficiência e as vivências neurodivergentes, como os doramas sul-coreanos analisados neste artigo, promovem reflexões sobre identidade, trabalho e inclusão. Duarte (2002) reforça essa perspectiva ao defender que: "A educação estética propiciada pelo cinema contribui para a ampliação da sensibilidade e do repertório ético dos



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



sujeitos, permitindo que estes se reconheçam como parte de uma coletividade múltipla”(Duarte, 2002, p. 42).

A Influência das produções midiáticas coreanas e a abordagem da relação profissional de pessoas com deficiência em k-dramas

As produções midiáticas, especialmente os dramas televisivos sul-coreanos, conhecidos como K-dramas, têm alcançado enorme projeção internacional nos últimos anos, impulsionados por plataformas de streaming como a Netflix. A “Hallyu” ou “onda coreana” de acordo com (Chung, 2011) impacta não apenas a moda, a música e a culinária, mas também a forma como as sociedades de diferentes culturas se relacionam com temas sensíveis e identitários, como a deficiência e a saúde mental.

A expressão soft power, cunhada por Joseph Nye (2004), refere-se à capacidade de um país influenciar outros não por meio de coerção ou força econômica, mas por seu capital simbólico, como cultura, valores e instituições. A Coreia do Sul tem se destacado mundialmente nesse campo ao promover uma política cultural estratégica que projeta sua imagem por meio do cinema, da música pop, da gastronomia e, notadamente, dos K-dramas. Esse fenômeno é conhecido como Hallyu, ou “onda coreana”.

“O poder suave repousa na capacidade de moldar as preferências dos outros através do apelo cultural, político e institucional. Se um país consegue fazer com que os outros desejem os mesmos objetivos, ele não precisará recorrer à força ou à coerção para alcançá-los.”
(NYE, 2004, p. 5)

Nesse sentido, o soft power sul-coreano, ao representar personagens com deficiências físicas, intelectuais ou transtornos mentais em contextos de trabalho, família e convivência social, constrói narrativas simbólicas que contribuem para a naturalização da diversidade e da inclusão. Trata-se de uma forma sutil, mas eficaz, de educação e sensibilização social, alinhando-se aos preceitos das políticas públicas inclusivas que estão em curso no Brasil.

Discussão e resultados da pesquisa

Como destacam Minayo (1994, p. 21), a pesquisa qualitativa “responde a questões muito particulares, relacionadas ao mundo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. Nesse sentido, a análise das representações midiáticas e dos discursos presentes nos K-Dramas será realizada a partir de uma análise fílmica crítica,



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES, PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



apoiada nos estudos de recepção e na teoria da representação. A análise parte da compreensão de que a mídia é um agente formador de sentidos e que o audiovisual atua na construção simbólica das identidades sociais..

Como afirma Demo (2000, p. 123), "a pesquisa científica tem como meta não apenas descrever a realidade, mas compreendê-la criticamente para intervir nela". Por fim, a produção dos dados qualitativos será sistematizada por meio da análise de conteúdo, segundo Bardin (2011), permitindo identificar categorias temáticas recorrentes nas representações de PCDs nas séries coreanas selecionadas. Essa técnica se mostra apropriada por possibilitar uma leitura profunda dos significados presentes nos discursos midiáticos e por articular o material empírico com os marcos teóricos.

Tabela 1 Produções Selecionadas

TÍTULO EM PORTUGUÊS	ANO	DIREÇÃO
A Advogada Extraordinária	2022	Yoo In-shik
A Caminho do Céu	2021	Kim Sung-ho
Amor e Outros Dramas	2022	Kim Kyu-tae, Kim Yang-hee
Miss Night and Day	2024	Lee Hyung-min
Quando o Telefone Toca	2024–2025	Park Sang-woo e Wi Deuk-gyu
The Good Bad Mother	2023	Shim Na-yeon
Tudo Bem Não Ser Normal	2020	Park Shin-woo
Uma dose diária de sol	2023	Lee Jae-kyoo e Kim Nam-su

Fonte: Séries Coreanas. Disponível na Netflix. Tabela organizada pela autora.

As imagens, portanto, servem não apenas como objeto de análise estética, mas como disparadoras de reflexões pedagógicas. Em contextos educacionais, como os Institutos Federais, tais produções podem ser utilizadas como estratégias didáticas para a formação de educadores, estudantes e gestores quanto à valorização da diversidade e da equidade.

A advogada extraordinária: representação e desafios no ingresso profissional

A Advogada Extraordinária acompanha a história de Woo Young-woo, uma jovem advogada com Transtorno do Espectro Autista (TEA) que enfrenta barreiras sociais e profissionais desde a faculdade até a inserção no mercado de trabalho. A série retrata a personagem como alguém com habilidades excepcionais em memorização e lógica, mas que lida com dificuldades de interação social e resistência institucional à sua presença.



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colégio de Pedagogia
Vitória da Conquista

A partir das reflexões de Pierre Bourdieu (2011), que evidencia como os capitais (econômico, cultural e simbólico) operam de forma desigual nos espaços sociais, especialmente quando se trata de sujeitos que não se enquadram no "habitus" dominante. O corpo com deficiência é interpretado como um "corpo estranho" à lógica meritocrática, sendo desconsiderado mesmo quando possui capital intelectual significativo.

A fala de um dos recrutadores que diz: "Pessoas com autismo não conseguem trabalhar em empresas. Elas não conseguem se comunicar bem.", expõe uma representação do preconceito institucionalizado, reafirmando os estereótipos de inaptidão que cercam pessoas com TEA, o que se relaciona à análise de Glat (2007), ao apontar que a deficiência ainda é muitas vezes vista como um obstáculo à produtividade e à normalidade, quando, na verdade, são as barreiras sociais e atitudinais que limitam a plena inclusão.

Em um dos episódios mais comoventes da série *A Advogada Extraordinária*, a narrativa mergulha no passado sombrio da história da deficiência, resgatando o papel de Hans Asperger no contexto do nazismo. A personagem Woo Young-woo afirma:

"Há cerca de 80 anos, um autista não era digno de viver. Há 80 anos, o Sr. Kim Jeong-Hun e eu, não seríamos dignos de continuar vivendo. Até hoje, centenas de pessoas curtem comentários que dizem: 'Perder um aluno de Medicina enquanto um autista vive é injusto'. Esse é o peso da nossa deficiência."
(*A Advogada Extraordinária*, Netflix, Ep.3, 2022)

A representatividade de Woo, além de gerar identificação com o público neurodivergente, também provocou discussões em diversas plataformas. A série rapidamente se tornou um fenômeno global, alcançando o Top 10 mundial da Netflix em mais de 20 países (Netflix, 2022). Em reportagem da revista Galileu, a personagem foi elogiada por sua complexidade e pela forma como rompe estereótipos reducionistas sobre o autismo, contribuindo para um entendimento mais empático e realista da condição (Souza, 2022).

Exclusão velada e capacitismo institucional em *Tudo bem não ser normal*

Outro exemplo de produção midiática coreana que se destaca na representação de sujeitos com transtornos mentais e emocionais é o K-Drama *Tudo Bem Não Ser Normal* (*It's Okay to Not Be Okay*, 2020). A série retrata o cotidiano de Moon Sang-tae, um adulto com TEA, e de seu irmão, Moon Gang-tae, que atua como cuidador em uma clínica psiquiátrica.



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



Junto à escritora Ko Moon-young, marcada por traumas emocionais profundos, o trio constrói uma narrativa permeada por sofrimento psíquico, vínculos afetivos e superações subjetivas.

As falas do diretor da escola profissionalizante: “Não adianta tentar impedi-lo. Essa não é a primeira vez. E se tivesse uma ferramenta perigosa perto dele? Poderia ter acontecido um acidente.[...] Enfim, precisamos pensar na segurança”, “Será melhor para todos”. Evidencia um discurso que associa a deficiência à ideia de risco e ameaça à coletividade. Essa visão carrega traços do capacitismo estrutural, como apontam Diniz, Machado e Cerqueira (2009), que compreendem o capacitismo como um sistema de valores que desqualifica corpos e mentes considerados fora da norma. Segundo os autores, esse tipo de discurso se perpetua inclusive em instituições que se pretendem inclusivas, por meio de uma linguagem de “preocupação” que mascara exclusões veladas.

Além disso, o modo como Sang Tae é representado na narrativa audiovisual contribui para a construção de significados sociais em torno da deficiência. Conforme Stuart Hall (1997), as representações midiáticas não apenas refletem a realidade, mas também produzem sentidos. Nesse sentido, retratar Sang Tae como um “risco” ao coletivo reforça um imaginário social que associa deficiência à imprevisibilidade, à ameaça e à incapacidade, o que se opõe às propostas de educação inclusiva e cidadania plena.

Esses elementos reforçam a importância da produção midiática como potencial catalisador de mudanças sociais, especialmente no que se refere à inclusão de pessoas com deficiência no mundo do trabalho e da educação. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que mais de 45 milhões de brasileiros se autodeclararam como pessoas com deficiência, o que corresponde a cerca de 24% da população nacional (IBGE, 2020). Contudo, a taxa de participação dessas pessoas no mercado de trabalho formal ainda é significativamente inferior à da população sem deficiência. Assim, a presença de Sang Tae na escola e no mercado de trabalho, embora simbolicamente positiva, denuncia os limites da política de cotas quando não acompanhada de ações estruturais, formativas e culturais. A inclusão torna-se aparente, mas não efetiva.

A caminho do céu: rotina, trauma, luto e reinvenção social no trabalho.

A Caminho do Céu acompanha Geu-ru, um jovem com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que trabalha com o pai em uma empresa especializada em "limpeza de traumas",



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



responsável por organizar os pertences de pessoas falecidas. Após a morte repentina do pai, sua rotina meticulosa e estável é radicalmente alterada, desafiando sua zona de segurança emocional e cognitiva.

A chegada do tio Sang-gu, um ex-presidiário designado como seu novo responsável legal, inaugura o eixo das mudanças: de comportamento, convivência, estilo de vida e forma de ver o mundo. Inicialmente resistente e distante, o tio também passa por transformações ao conviver com Geu-ru e testemunhar seu senso ético e empatia na realização do trabalho. Segundo Uchoa (2008), processos de inclusão não ocorrem apenas em espaços formais, mas também em relações interpessoais e afetivas, onde a convivência gera reconhecimento mútuo.

O tema do trauma é duplo na narrativa: está presente tanto na morte do pai e nas experiências de Geu-ru, quanto na própria natureza do trabalho, que envolve lidar com perdas, despedidas e memórias. A série propõe uma ressignificação do luto através do cuidado com os pertences e com as histórias das pessoas falecidas, criando um espaço simbólico de cura para os clientes e para os protagonistas. Mazzotta (2011) destaca que o acolhimento de sujeitos com deficiência deve considerar suas vivências emocionais, familiares e históricas, especialmente em contextos de perda ou abandono.

O trabalho é mostrado como espaço de inclusão, reconstrução e agência. Mesmo após a perda do pai, Geu-ru mantém a empresa funcionando com o tio, o que permite não apenas sua autonomia financeira, mas também seu crescimento pessoal. Como enfatiza Januzzi (2004), a profissionalização de pessoas com deficiência deve ser mediada por oportunidades reais e suporte contínuo, valorizando suas competências específicas sem ignorar suas necessidades. Por outro, a repetição de cenas de solidão e isolamento pode reforçar a ideia de que pessoas com deficiência são essencialmente "diferentes" ou não adaptáveis aos espaços sociais. Aumont (1998) destaca que o cinema pode ser uma ferramenta de construção de identidades, mas também de reforço de estigmas, dependendo da forma como articula imagem e discurso.

Amor e outros dramas: o trabalho, a solidão e os vínculos afetivos na vida de uma mulher com síndrome de down

No episódio 14 de Amor e Outros Dramas, somos apresentados à história sensível e profunda de uma personagem com Síndrome de Down, que possui uma irmã gêmea neurotípica. A irmã neurotípica assume uma postura protetiva, mas por vezes paternalista,



III SEMPED

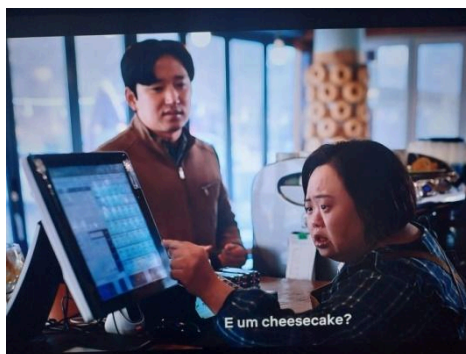
FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



limitando involuntariamente a liberdade da irmã com deficiência. Uchoa (2008) adverte que os processos de inclusão devem evitar a superproteção, pois esta compromete o protagonismo da pessoa com deficiência e reforça a dependência.

Figura 1- Yeong- Hui em seu ambiente de trabalho



Fonte: Amor e outros dramas (2022). Disponível na Netflix. Print screen capturado pela autora.

O trabalho, apesar de ser espaço de realização, também se torna um palco onde a diferença é notada, mas não necessariamente acolhida. A personagem cumpre suas funções, mas sente que não é vista para além da deficiência. Nesse ponto, Januzzi (2004) aponta que a inserção de pessoas com deficiência no mundo do trabalho precisa ser acompanhada por estratégias de sensibilização coletiva, evitando que o “incluso” seja percebido como exceção ou apenas tolerado.

Miss Night And Day: cotas, deficiências adquiridas e a disputa por pertencimento

A série *Miss Night and Day* aborda, com nuances sociais e simbólicas, os desafios enfrentados por ex-militares com deficiências adquiridas durante o serviço e também a complexa dinâmica de processos seletivos por cotas, tensionando as relações entre capacitismo, mérito, idade e inclusão profissional.

No processo seletivo retratado na série, observamos candidatos que acessam as vagas por meio do sistema de cotas para pessoas com deficiência (PCDs), incluindo veteranos com sequelas físicas e psíquicas de guerra. No entanto, o que deveria ser um caminho de reparação histórica e afirmação de direitos torna-se um campo de disputas morais e preconceitos velados. Segundo Januzzi (2004), embora as cotas representem um avanço nas políticas públicas de inclusão, elas ainda são atravessadas por resistências institucionais e culturais que reforçam estereótipos e dificultam sua efetivação.



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colégio de Pedagogia
Vitória da Conquista

A presença do personagem em um ambiente profissional, apesar de suas limitações físicas, traz à tona a discussão sobre a adaptabilidade dos espaços e o reconhecimento das habilidades e experiências prévias das pessoas com deficiência. No contexto da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), essa narrativa dialoga com a importância da valorização das trajetórias individuais e da oferta de suporte institucional – tal como acontece nos NAPNEs – para garantir não apenas o acesso, mas a permanência e a valorização dos estudantes PCDs no processo formativo e no mercado.

The Good Bad Mother: deficiência adquirida, relações familiares e reconstrução da identidade profissional.

Na série sul-coreana *The Good Bad Mother*, o espectador é confrontado com o impacto emocional e social da deficiência adquirida a partir do personagem principal, Kang Ho, um promotor bem-sucedido que, após um grave acidente, passa a conviver com limitações físicas e cognitivas. A narrativa evidencia como uma trajetória de ascensão profissional pode ser drasticamente interrompida, deslocando o sujeito para uma nova realidade marcada por desafios de autonomia, reabilitação e aceitação social.

O caso retratado na série dialoga com a literatura de Santos (2010), que aponta a dificuldade de reinserção de pessoas com deficiência adquirida no mercado de trabalho, especialmente aquelas que já estavam em postos de prestígio. A barreira não é apenas física, mas simbólica, refletindo expectativas sociais sobre produtividade, independência e normalidade.

Assim, *The Good Bad Mother* reforça como a deficiência adquirida exige não apenas adaptações estruturais, mas profundas revisões de identidade, relações interpessoais e políticas de apoio à inclusão social e profissional. A série contribui com a discussão sobre como a narrativa midiática pode ampliar a compreensão pública sobre os múltiplos caminhos da deficiência e da reconstrução do sujeito.

Quando o telefone toca: representações da deficiência auditiva e inclusão em espaços de poder

O drama sul-coreano “Quando o Telefone Toca” apresenta uma trama envolvente de romance e suspense, tendo como pano de fundo a deficiência auditiva de uma das personagens centrais. A série destaca questões importantes sobre como a sociedade lida com



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colégio de Pedagogia
Vitória da Conquista

peçoas surdas, especialmente em contextos de poder e representatividade profissional. A personagem feminina, surda, aparece em uma posição de destaque ao lado de seu parceiro, desafiando estigmas sobre fragilidade e incapacidade. Ao trazer a língua de sinais para um espaço de requinte e influência social, a série contribui para a visibilidade da Libras como ferramenta de empoderamento e direito linguístico, conforme defende Mazzotta (2011). A personagem surda não é representada como alguém isolado do mundo, mas como parte ativa da trama, ocupando um lugar de protagonismo simbólico e afetivo.

Essa abordagem é criticada por Glat (2007), ao destacar que “a deficiência não é a negação da potência, mas uma forma diversa de estar no mundo, com direitos e possibilidades específicas”. A série inova ao incluir esse debate em uma narrativa de gênero misto, romance e suspense, desconstruindo a ideia de que questões relacionadas à deficiência só podem ser tratadas em contextos educativos ou melodramáticos. Com isso, Quando o Telefone Toca contribui para ampliar a discussão sobre inclusão, acessibilidade e respeito à diferença, a partir de um formato que dialoga com o grande público.

Uma dose diária de sol: o adoecimento mental dos profissionais que cuidam

O drama Uma Dose Diária de Sol traz à tona uma perspectiva frequentemente ignorada nas narrativas de inclusão: a saúde mental dos próprios profissionais da área da saúde e da inclusão. A enfermeira Jung Da-eun, protagonista da série, trabalha em uma ala psiquiátrica e, ao longo dos episódios, o espectador acompanha como o desgaste emocional, o estigma em torno da loucura e a sobrecarga de trabalho afetam diretamente sua estabilidade psíquica e sua identidade profissional. Esse retrato é particularmente significativo quando pensado em paralelo aos contextos educacionais e institucionais onde atuam os profissionais da inclusão. Muitas vezes, espera-se desses trabalhadores uma postura inabalável, de abnegação e paciência, sem considerar que eles também estão vulneráveis ao estresse, à ansiedade e à exaustão. Como afirma Mori e Santos (2010), “a exaustão emocional dos profissionais da inclusão é uma ferida silenciosa que compromete não apenas a qualidade do atendimento, mas também a própria permanência desses sujeitos no sistema educacional”.

"Todas as doenças vêm da perda. Você pode ter perdido uma coisa que estimava muito. Ou ter se perdido. Ou talvez tenha perdido os seus momentos felizes. Em momentos como esses, nós temos que ter uma coisa que parece ser meio ultrapassada. Uma coisa chamada esperança. E estamos aqui para encontrar essa coisa clichê chamada esperança."



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colégio de Pedagogia
Vitória da Conquista

— Fala da enfermeira Jung Da-eun em Uma Dose Diária de Sol

Essa fala, carregada de ternura e vulnerabilidade, encapsula a essência da série e o desafio cotidiano de tantos profissionais que, mesmo no limite de suas forças, persistem no ato de cuidar. Esperança, neste contexto, não é um conceito abstrato ou vazio, é resistência, é reconstrução de sentido; é o fio que sustenta a permanência e a possibilidade de transformação.

Considerações Finais

A análise dos doramas sul-coreanos aqui apresentados revela a potência da mídia audiovisual como ferramenta de sensibilização, crítica social e mobilização em torno das temáticas da deficiência, da saúde mental e da inclusão no mundo do trabalho. Produções midiáticas sul-coreanas não apenas colaboram, expõem os desafios enfrentados por pessoas com deficiência, mas também tensionam normas sociais, políticas institucionais e estruturas capacitistas ainda presentes na sociedade. Nesse sentido, os NAPNEs, no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica, cumprem um papel essencial ao construir políticas institucionais de apoio e promover espaços de escuta, protagonismo e permanência. Quando dialogam com a arte e a cultura, especialmente por meio da linguagem midiática, tais núcleos podem se fortalecer como pontes entre as experiências subjetivas e os direitos concretos, entre o simbólico e o político.

Portanto, este artigo reafirma que a inclusão não deve ser reduzida a uma estratégia burocrática ou compensatória. Ela precisa ser vivida como princípio orientador de toda prática educacional e profissional. Mais do que “dar lugar”, trata-se de ressignificar os espaços, as relações e os sentidos de pertencimento. A representação da deficiência nas séries analisadas convida educadores, gestores, estudantes e sociedade em geral a reverem seus olhares e posturas diante da diferença. Que possamos, como defende a protagonista de Uma Dose Diária de Sol, continuar buscando, juntos, essa coisa aparentemente clichê, mas profundamente necessária, chamada esperança.

Referências

AUMONT, Jacques. **A análise do filme**. Campinas: Papyrus, 1995.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



BELLOUR, Raymond. **A análise do filme**. São Paulo: Papyrus, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BRASIL, **Lei nº 13.409, de 28 dezembro de 2016**, Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino..

BRASIL. **Catálogo Nacional de Cursos Técnicos – CNCT**. Ministério da Educação, 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 20 abr. 2025.

BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, 2008b. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111892.htm. Acesso em 10 ag. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília: Presidência da República, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 20 setembro de 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008 a.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**: livro 1. Brasília: MEC/SEESP, 1994.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial**. Diretrizes nacionais para educação especial na educação básica. Brasília: MEC/SEESP, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>. Acesso 29 de setembro de 2024.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica**. Política de Educação Profissional e Tecnológica: Documento base. Brasília: MEC/SETEC, 2021.

CHUNG, Hye Seung. **K-drama: a nova onda da cultura sul-coreana**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colégio de Pedagogia
Vitória da Conquista

CRUZ, Mônica; GLAT, Rosana. **Práticas Inclusivas no Ensino Técnico**. Rio de Janeiro: Egrafia Livros, 2021.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas na pesquisa qualitativa**. Educação e Sociedade, Campinas, v. 23, n. 80, p. 47-61, 2002

FREITAS, Luiz Carlos de. **Educação profissional no Brasil**: o ensino técnico de nível médio e a formação para o trabalho. Campinas: Autores Associados, 2005.

GLAT, Rosana.; BLANCO, L. de M. V. **Educação Especial no contexto de uma Educação Inclusiva**. In: GLAT, R. (org.). Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar. 14(Coleção Questões atuais em Educação Especial, v. VI), Editora Sete Letras, p. 15-35, Rio de Janeiro, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2015.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Pessoas com deficiência. 2020.

Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/17270-pessoas-com-deficiencia.html>.

Acesso em: 8 maio 2025.

IF BAIANO. **Instituto Federal Baiano. Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE)**. 2023.

JANNUZZI, G. M. A. **A luta pela educação do deficiente mental no Brasil**. 3. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2006.

— **A educação do deficiente no Brasil**: dos primórdios ao início do século XXI. Campinas: Autores Associados, 2004.

KIM, Jung-hyun (Diretor). **Amor e outros dramas**. Coreia do Sul: Viki Rakuten, 2022. 1 temporada. Série de TV.

KIM, Sang-ho (Diretor). **Quando o telefone toca**. Coreia do Sul: Netflix, 2021. Série de TV.

— **A caminho do céu**. Coreia do Sul: Netflix, 2021. 1 temporada. Série de TV.

LEE, Hyung-min (Diretor). **Miss Night and Day**. Coreia do Sul: JTBC, 2024. Série de TV.

MARTINS, Maria Helena Menna Barreto; BICUDO, Maria Aparecida V. **A pesquisa qualitativa em psicologia**: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Centauro, 1989.

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. **Educação especial no Brasil: história e políticas públicas**. . 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colégio de Pedagogia
Vitória da Conquista

MORI, Tathiana; GLAT, Rosana. **Educação inclusiva e os núcleos de acessibilidade:** práticas e políticas nos Institutos Federais. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2022.

NYE, Joseph S. **Poder suave: meios para o sucesso na política mundial.** São Paulo: Biblioteca do Exército; Difusão Editora, 2004.

ONU. **Organização das Nações Unidas. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.** Nova Iorque: ONU, 2006. Disponível em: <https://www.un.org/disabilities/documents/convention/convoptprot-e.pdf>. Acesso em: 8 maio 2025.

ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA-Unesco. **Declaração Mundial sobre Educação Para Todos** (Conferência de Jomtien). Tailândia: Unesco, 1990.

PARK, Shin-woo (Diretor). **Tudo bem não ser normal.** Coreia do Sul: Netflix, 2020. 1 temporada. Série de TV.

Programa TEC NEP: Educação, tecnologia e profissionalização para pessoas com necessidades educativas especiais. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2005.

RAMOS, Marise. **Educação profissional e tecnológica no Brasil:** história, concepções e políticas públicas. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Larissa. **Trabalho e deficiência: desafios da reinserção social e profissional.** São Paulo: Cortez, 2010.

SOUZA, Mariana. **Representações de autismo na TV:** como a série “Extraordinary Attorney Woo” está impactando o público. *Revista Galileu*, 2022. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2022/07/serie-sul-coreana-sobre-autismo-conquista-publico.html>. Acesso em: 8 maio 2025.

UCHOA, Simone. **Inclusão e afetividade:** vínculos e convivência no cotidiano escolar. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

UNESCO. **Declaração de Salamanca: sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais.** Salamanca, 1994.

YOO, In-shik (Diretor). **A advogada extraordinária.** Coreia do Sul: Netflix, 2022. 1 temporada. Série de TV.